

# No Instituto do Ceará

Pe. Castro Nery

Em chegando à bela capital do Ceará, foi a minha primeira visita para esta casa, pois me pareceu que, ao prestar homenagens aos seus preclaros membros, me curvava, a um só tempo, ante Sua Majestade a Inteligência do Norte.

Agora, prestes a tornar ao meu ponto de partida, mais rico de idéias e mais pobre de preconceitos, agrada-me inclinar de novo a fronte perante os que tão nobremente representam a intelectualidade cearense. O Ceará não mais pode deixar-me; eu não poderei mais deixar o Ceará. Alguma coisa dele ficou incrustada na minha carne: trago nos olhos o verdor da Serra-Grande, nos ouvidos o canto das graunas sobre a copa dos cajueiros, e no olfato certo aroma espiritual de flor desconhecida a trescalar, discreta, em pleno sertão do Nordeste, entre o mofumbo e a carnauba.

Levo mais: a lembrança das pessoas com que tratei, a recordação das finezas de que fui alvo de porta em porta, de cidade em cidade, de serra em serra—num desperdício de hospitalidade que muito me enterneceu, honrando, ao mesmo tempo, a bondade do povo nordestino. Fico devendo ao sr. interventor federal, Dr. Meneses Pimentel, a acolhida fidalga que me proporcionaram os vigários e prefeitos de Sobral, São-Benedito e Viçosa; ao desembargador Alencar, expoente da cultura cearense, algumas horas de leitura amena, erudita e proveitosa; ao Dr. Hugo Vitor um largo quinhão no bom êxito de minhas pesquisas históricas; a Mons. Quinderé dias e noites de aprazível convívio, estimulado por

legítima cajuina e por chistes da mais pura jovialidade eclesiástica; ao desembargador Abner de Vasconcelos, além de inestimáveis favores, a cooperação de sua simpatia; ao Prof. Dr. Djacir Meneses o haver-se desprendido de um volume raro pertencente à biblioteca de Farias Brito para obsequiar ao seu obscuro admirador paulista; e ao Dr. Leonardo Mota, veterano da pena, não só a descoberta de vários artigos inexplorados, como uma série de gentilezas que a minha vontade me obrigaria a publicar, mas a sua modéstia dele me força, por enquanto, a omitir.

A todos quantos devo esta recepção no Instituto, e aos mais que, por brevidade, venho a calar, os meus sinceros agradecimentos, as minhas saudosas despedidas, e os meus votos de perene felicidade—extensíveis a toda a gente e a toda terra benbita do Ceará.

Quiseram os promotores desta sessão que eu não me limitasse aos cumprimentos protocolares, mas dissesse alguma coisa mais, de minha livre escolha. Eis, pois, que passarei a falar do humanismo da Renascença. Permito-me advertir que a questão permanecerá controversa, e que o ponto de vista por mim defendido não pretende, de modo algum, encerrar ou resolver o problema.

### Os dois humanismos

Antes de mais nada, cumpre saber se foi cristão o humanismo da Renascença, pois não falecem contra-provas de valor.

De fato, Beccadelli, ex-vagabundo e tunante, escreve o "Hermaphroditus" para celebrar o amor grego, livro que Felipe Monnier, em geral indulgente, chama "*bibelot* de lupanar"; Gioviano Pontano lança o "Baia" e o "Eridanus", nos quais ditirambiça a licença dos balneários e as exasperações do amor senil; Poggio Bracciolini, secretário apostólico do papa Bonifácio IX, redige o "An sit seni uxor ducenda" para se defender do casamento com Vaggia dei Buondelmonti, e regista, nas *Facécias*, todo o delírio das tavernas florentinas; Lorenzo Valla, o

“fundibulário”, tem o desprazo de escrever, no famoso “De Voluptate”, que o prazer é o verdadeiro bem, e declara o princípio do egoísmo supremo na história do universo; Pompônio Leto, que, junto ao Esquilino e ao Quirinal, se dedica à vida rústica segundo os preceitos de Varrão e Columela, — daia os seus fastos “abs urbe condita”, e se reúne a Bartolomeu Platina, a Gianantonio Campano, Callimaco Esperiente, para fundar a famigerada Academia Romana, com liturgias inteiramente pagãs; Pulci, o voluptuoso cortesão dos Médicis, chama a Cristo de “altíssimo Júpiter, crucificado por todos”; Paolo Cortese, o teólogo, invoca a Jesús como deus do trovão e a Virgem Maria por mãe dos deuses; Filelfo, na oração fúnebre de Sforza, prova a immortalidade da alma por quase duas páginas de filósofos pagãos, mal se lembrando, numa linha, de que existem o Antigo e o Novo Testamento; Galateo publica o “Eremita” contra a religião e o sacerdócio do seu tempo; o tirano Sigismundo Malatesta ergue um templo à “divina” cortesã Isota e representa, numa capela, quase todo o Olimpo; Carlo Mazzufini d’Arezzo manifesta em seus escritos intenso desprezo ao cristianismo; e enfim Ciriaco de Ancona faz orações ostensivamente pagãs.

O paganismo parecia reviver em tudo: na porta de São Pedro, com a imagem de Júpiter e de Leda; na Biblioteca Vaticana, com as obras dos gentios encadernadas a pérolas; nos carnavais suntuosos, em que a estátua de Augusto era escoltada por faunos, ninfas e deusas; junto à corte pontifícia, onde um Júlio II pretendia repetir a Júlio Cesar em Florença; ao pé da Via-Larga, onde Lourenço o Magnífico se deleitava com o “Morgante” de Pulci, quando não escrevia ele mesmo versos fesceninos; em Nápoles, onde as impudentes bailarinas precediam os cortejos de Afonso de Aragão, — e onde o povo, ao que parece, paganizado, cantava pelas ruas “São Vergílio, roga por nós”.

Não posso menoscar, senhores, a autenticidade destas referências. Mas quero crer que elas inculcam apenas um dos aspectos da época.

Não me seria lícito apelar para o mais antigo

dos humanistas, Petrarca? Pois o suave cantor de Monna Laura não trepidou afirmar, por mais de uma vez, o seu pensamento a tal respeito. «Bem que admiremos o gênio dos antigos (escreve ele nas cartas), reservemos a nossa homenagem para o autor de todo o gênio.»

E que diria de Marcílio Ficino, cujo prestígio em Florença era tão grande, em matéria de filosofia, quanto o de Lourenço o Magnífico, em questões de política? Autor filosófico aos 23 anos, teólogo do paço, presidente da Academia Platônica, mentor espiritual da nobreza florentina—dos Pazzi, dos Soderini, dos Guiciardini, dos Albizzi e dos Ricasoli—, prega o espiritualismo de Platão purificado pela chama do Cristo, assegura que a filosofia não é mais que uma sábia religião, e tão meticoloso se mostra nas dissertações religiosas, que declara de começo: «Nada quero avançar que não seja aprovado pela Igreja.»

Não teria que alterar nenhuma destas afirmações ao passar para o temperamento juvenil de Pico: o Senhor de la Mirandola e conde da Concórdia, soube acrescentar, à beleza do corpo, a erudição da inteligência e a virtude prestantíssima do espírito. Sei que andou foragido da justiça e foi encarcerado por ordem da Cúria Romana; mas também sei que nada se lhe apurou contra a fé e que pode terminar seus dias em Florença, em plena liberdade, cercado pela admiração dos humanistas. Bem que no princípio dos estudos se tornasse averroizante e se deixasse levar pelo contágio das faculdades patavinas, —depressa se persuadiu que errara caminho, e tratou de conciliar não somente Platão e Aristóteles, mas os princípios filosóficos e a religião cristã.

A corroborar-me a tese, não quero prova mais conducente que a dos papas Nicolau V, Pio II e Leão X. O criador da Biblioteca Vaticana uniu o gosto literário e artístico à mais profunda piedade cristã; considerou como uma das suas maiores glórias haver canonizado a Fra Bernardino, a quem o humanismo caluniara tanto, e chamou para junto de si, não apenas a humanistas famosos, mas aos dois cartuxos Nicolau de Cortona e Lourenço de Mân-

tua, com os quais se entretinha de assuntos espirituais nos lazeres do pontificado. Pio II distinguiu-se por tão grande espiritualidade, que fez esquecer os seus deslizes da juventude; continuou, depois de papa, os "comentários" que tanto o haviam celebrado como cardeal; e protegendo artistas de todos os cambiantes, não se esqueceu dos humanistas cristãos como esse famoso Flávio Biondo, a quem tanto deve a história do cristianismo. Leão X é o protetor de Rafael e de Miguel Ângelo, dos historiadores Guiciardini e Jove, dos arqueólogos Mazzocchi e Andrea Fulvio, dos humanistas Parísio e Calcondilo; mas não se olvidou de que era papa, como o pode demonstrar a bula onde enaltece as artes sob a glória de Deus.

Contra os que pensam serem as cortes pontifícias povoadas só de indivíduos como Valla e Poggio, lembrarei um Julião Cesarini, tão virtuoso quanto bom letrado; um Capranica, cuja biblioteca rivalizava com a do Vaticano; um Bessarião, piedoso e erudito, cuja vasta livraria serviu de fundo à biblioteca de São-Marcos, e de texto para as famosas edições de Aldo Manuccio; um Nicolau de Cusa, que os historiadores da filosofia consideram como o traço de união entre a escolástica e o humanismo; um Ambrósio Traversari, geral da Ordem Camaldulense e finíssimo escritor; um Mateo Veggio, que orou como Cícero e poetou como Vergílio, e sobre o túmulo do qual gravaram os contemporâneos: «Não eras lascivo como a mor parte dos poetas: tinhas a alma pura e o corpo casto.»

Assim é. Essa época tida por pagã é precisamente aquela em que um Feo Belcari, simples merceiro de Florença, escreve, ao lado das suas contas domésticas, preces tão luminosas como os vitrais de San-Miniato; um Corradino de Bolonha morre cuidando dos pestosos; um Lourenço Giustiniani deixa as riquezas dos palácios venezianos, para viver entre os pobrezinhos da Laguna; e um Fra Bernardino da Siena entra de sopetão por uma viela de Borgo-Santi-Apostoli, derrubando os tabuleiros de jogo, enquanto os espantados tafues (que no fundo eram crentes) caem de joelhos, transidos de pavor.

Em suma: o humanismo da Renascença não é essencialmente um movimento religioso. Uma corrente move-se para o passado, refractária às conquistas do cristianismo; mas outra, pelo contrário, pretende continuar os avanços da religião cristã, sem abjurar das verdadeiras belezas do classicismo eterno.

Isto posto, já poderei indagar a qual dos rumos pertenceu Erasmo?

### O humanismo de Erasmo

A primeira vista, o humanismo de Erasmo tem afinidades profundas com o de Valla, Poggio e Galate.

Não é ele que descreve os deuses do Olimpo imensamente despreocupados com os acontecimentos terrenos à medida que se embriagavam? Não caricatura com irreverência os bem-aventurados do céu jogando a pela como qualquer grupo de vadios? Não chama ao cânto dos salmos de "asnática melodia"? Não toma a liberdade de comparar São Cristovão a Polifemo, e São Jorge ao hipólito da mitologia? Não profana as litánias sagradas, quando parece rezar "São Sócrates, ora por nós"? Não desfecha contra os bispos, os cardeais, os papas os mais sangrentos golpes que se vibraram então contra o catolicismo?

Tudo isto é verdade, e não seria eu, de certo, o primeiro a desculpá-lo aquí. Mas estas, e outras passagens, não são talhadas para confirmar o anti-cristianismo de Erasmo.

De início, é de notar que estes motejos de gosto duvidoso, de tão correntes, perdiam o seu veneno pagão. Dante não renegou o cristianismo só por que atascou certos papas no *Inferno*, nada menos que na "bolgia" dos simoníacos, a cabeça para baixo e os pés para cima, — o que pelo menos deveria ser atitude pitoresca, incômoda e seriamente comprometedora. O cardeal Giovanni Dominici não deixou de ser uma das colunas do papado, quando escreveu: «Exporás teu filho a grande perigo, se o enviares aos religiosos e clérigos.....; outrora,

entre eles se educavam bons filhos e se formavam cidadãos prestantes; hoje em dia, tudo é esterco.» Não deixou de ser canonizado Frei Bernardino de Sena, que, entretanto, dizia aos seus piedosíssimos ouvintes: «Se durante o sermão o povo se entedia, ou se entorpece por causa do calor, ou da friagem, e o pregador profere ou somente anuncia uma palavra contra os padres, contra os prelados ou contra os cardeais, súbito, os dorminhocos se estremunham, os tediosos alegram-se; para os que padecem do bochorno, o mormaço transforma-se no frescor das orvalhadas; para os que a invernia entangue, é primavera ou verão; esquece-se até mesmo a fome e se oblitera a sede.»

Demais, estas invetivas, muita vez perfeitamente justas, cessaram de todo, assim que vingou o movimento dissidente, com a reforma luterana. Deu-se com o século XVI (já em seu tempo o notava Bouchité) algo semelhante ao movimento revolucionário do século XVIII: o clero e a nobreza, que tinham aplaudido as idéias novas, retrocederam tão cedo como verificaram as represálias da revolução, — exatamente como os cardeais, os bispos e os doutos da Renascença, animados, no princípio, por um generoso espírito de crítica, ao depois se deixaram tomar pelo silêncio, reserva e hostilidade, quando se aperceberam dos primeiros triunfos do protestantismo. O caso de Erasmo é pouco mais ou menos o mesmo: se de começo as diatribes lhe parecem modeladas sobre as de Poggio Bracciolini, Lapo de Castiglionchio e Leone-Batista Alberti, — mais para o fim da vida, quando a secessão religiosa se tornara irreparável, ele volta sobre os seus passos, modera a linguagem e, a considerar-se trãsfuga, prefere terminar os dias no regaço da Igreja.

Amarga seus trabalhos, certo, muito sumo de racionalismo (fezes de escolástica decadente); mas o julgamento que se profere, ao voltar a derradeira página, continua ainda o veredicto insuspeito do seu adversário, Colet, ao terminar-lhe a leitura do Novo Testamento: — Erasmo é um “operário de Cristo”.

Não sei se os mais luzidos humanistas se poderiam gabar de tanta ortodoxia quanto ele, ou como

ele afirmar: «Nada existe em meus livros condenável, e muitos leitores reconheceram que se tornaram, não somente mais instruídos, porém melhores, após a leitura dos mesmos.» Para Erasmo, como para todo o escritor profundamente cristão, as belas letras não servem apenas de prazer, mas de doutrina; o escritor não é um histrião, mas um mestre; a missão do humanista não é deleitar, amolecer e distrair, mas «reformatar as consciências, purificar as almas, afinar os espíritos». Dos famosos "Adágios" (ao parecer apenas instrutivos) se pode dizer que foram lavrados para mostrar o profundo acordo entre a sabedoria pagã e o pensamento cristão; e, se no "Livro contra os bárbaros" se acusam assaltos à vida-contemplativa-puramente-esteril, — é certo também que o mote persistente do livro é a coroação do pensamento antigo pela Incarnação de Jesús.

Quem se propõe julgar o humanismo religioso de Erasmo, não pode preterir a formação intelectual de Gerrit Gerrits entre os Irmãos da Vida Comum. De tal não se esqueceu Hemerlinck, num trabalho sereno que fez época. Não olvidou estes subsídios Teodoro Quoniam, ao demonstrar que o humanismo erasmiano se funda no mistério da humanidade de Cristo. Não descuidaram disso tantos outros que se impressionaram com a semelhança entre a "Introdução ao Novo Testamento", de Erasmo, e os primeiros capítulos da "Imitação de Cristo", de Tomaz de Kempis. De que serve conhecer Platão, pergunta o humanista, se ignoramos a sabedoria de Cristo? «O mais seguro meio de restabelecer e consolidar a religião, continua ele, é que os fiéis, por toda a terra, adiram plenamente à sabedoria de Jesús e que, antes de mais nada, aprendam a conhecer o pensamento do Mestre nos Livros onde vive e respira ainda a palavra de Deus.»

Já não me admira que espírito assim conservador nada tivesse de revolucionário. Erasmo ligava a Grécia ao Lácio, a Roma do Césares à Roma dos Papas, a Idade-Média à Renascença. Se dedica a Leão X a edição crítica das obras de São Jerônimo, é por que vê no Pontífice Romano o papa dos humanistas. Se Stunica e Egmontanus o acusam de im-

piedade, é para Roma que dirige o olhar, como o demonstra a carta a Paulo Bombasius, de 19 de Janeiro de 1524. Se Lutero e Hutten o forçam a se decidir, é ao papa Clemente VII que dedica a paráfrase dos Atos dos Apóstolos, e a Silvestre Mazzolini que escreve: «Peço, mau grado de Stunica e outros caluniadores, que me seja permitido ser ortodoxo.» Se os panfletos anti-erasmianos sibilam pelas assembléias de Roma, ao Papa reclama contra a injustiça de tal proceder e reafirma nada ter com o movimento herético. Se as invetivas lhe perturbam a tranquilidade com que desejaria trabalhar, a Adriano VI envia o "Comentário sobre os Salmos de Arnóbio o Jovem", no antelóquio do qual professa: «Até aqui, em matéria de cristianismo, demonstrei espírito ortodoxo; guardarei esta posição até o meu último dia.» Se os religiosos acoitados pelo movimento luterano e, mais que isto, feridos pelas cutiladas de Erasmo, exigem a condenação do "doctor universalis", ei-lo escrevendo a Francisco Chiaregiato que os verdadeiros paladinos do Papado não são os monges ape-deutos, mas os humanistas cristãos, a cujo número se preza de pertencer. Se Lutero, irritado cada vez mais pela reserva, lhe remete carta rompendo de vez, Erasmo responde sem esfumaturas: «Favoreci as boas propensões de Lutero, não as más: igualmente promovi em tudo a glória de Jesús.» Se os eclesiásticos, espantados pela extensão da dissidência, começam a denunciar o influxo de Erasmo na irrupção do movimento, ele toma incontinenti do seu velho instrumento de combate para mostrar que «sustentou Lutero na medida em que pensava ser a ação desse homem util para o bem das letras e a reforma moderada da Igreja».

### Características do humanismo erasmiano

E depois... ninguém soube dizer com mais graça as cousas mais triviais da Renascença; nem Petrarca com a elegância, nem Budé com a erudição, nem Ulrich von Hutten com o ímpeto, a força, a grandiloquência. O amor da cultura grega era-lhe tão arrebatado quanto o desse Poggio, que compra-

va um livro pelo preço de um campo; como a desse magnânimo Aurispa, que vendera em Bizâncio a ultima véstia para completar a coleção de autores gregos; como o desse interessante Leonardo Bruni, tão inflamado à descoberta de Quintiliano, que conjurava lhe enviassem «o mais cedo possível o manuscrito, a fim de por-lhe os olhos ao menos antes de morrer». Era-lhe tão veemente o amor da arte, quanto o desse curioso Nani Grosso recusando, em artigo de morte, a beijar outro crucifixo que não fosse o formoso Cristo de Donatello. Mas poucos humanistas como ele se deixaram penetrar do espírito cristão nas belas letras. Não sei de outro que, como ele, ousasse romper com os literatos do tempo, declarando a Francisco Vergara: «De mim vos digo, não temo ser riscado da lista dos cicerônicos, contanto que me inscreva no catálogo dos cristãos.»

Numa época em que os ideais imperialistas começavam a esporear as cortes de Europa, negou o direito de se chamar homem àquele que empreendesse guerra. Num tempo em que os reis, e os próprios Pontífices de Roma, se achavam com o direito de exterminar os homens nos campos de batalha, não sabendo como pregar a paz, de maneira melhor, enviou a Carlos V o evangelho de São Mateus, a Fernando de Áustria o evangelho de São João, a Henrique VIII o evangelho de São Lucas, a Francisco I o evangelho de São Marcos, com as seguintes palavras da mesma dedicatória: «Praza aos céus que esta união íntima dos vossos nomes pela lei evangélica se derrame também sobre os vossos corações!» Numa era tempestuosa, em que as guerras se feriam não somente entre cristão e turco, mas entre cristãos e cristãos, bradou contra todos: «Apelo a vós, príncipes, da vontade dos quais dependem sobremodo os negócios do mundo; a vós, que representais entre os homens ao próprio Cristo: reconheci a voz de Nosso-Senhor e Mestre, que vos exorta à paz. Apelo a vós, sacerdotes, por que doutrineis, com todas as veras, o que sabeis ser mais agradável a Deus, e combatais contra aquilo que Jesús tão vivamente execra. A vós apelo, teólogos: pregai o evangelho da paz, fazei-o incessantemente

retumbar aos ouvidos da multidão. A vós apelo, bispos, a vós, dignitários eclesiásticos: seja a vossa autoridade assaz influente para fundar a paz sobre bases indestrutíveis. A vós apelo, magistrados e poderosos da terra, que ocupais o primeiro plano no reino, por que ajudeis com todas as forças a sabedoria dos príncipes e a piedade dos papas. A todos os que vos glorificais com o título de cristãos apelo, para que convenhais, por todos os modos, contra a guerra, colaborando com os vossos conselhos na conquista da paz.» (Está faltando um Erasmo para o século XX.)

E, senhores, quanto mais aprofundo estas características do pensamento erasmiano, mais me persuado de que ele é uma lição.

O século de Erasmo não conheceu o ódio a Jesus-Cristo. Talvez algumas verdades do Evangelho estivessem empalidecidas. Possível que as paixões humanas entenebrecessem por vezes o céu das consciências. Mas católicos e protestantes, na essência, continuavam cristãos. Cristão era Lutero; Júlio II, cristão. Como se não dera ruptura essencial entre a Idade-Média e a Renascença, o trabalho de volver a Cristo não se inçava de tantas dificuldades. Depois vieram as centúrias do iluminismo. Voltaire, Strauss, Renan... A literatura filosófica e exegética incumbiu-se de exautorar a Igreja e de humanizar a Jesus. A civilização burguesa (que se não deve confundir com a civilização cristã) destronou o santo, para colocar em lugar deste "l'honnête homme" de Montaigne. Que direi eu? A civilização revolucionária, democrática e burguesa vivia pelo menos a expensas das virtudes cristãs remanescentes: o espírito de justiça, de altruísmo, de honradez, eram sucedâneos das virtudes evangélicas. Hoje, porém, a situação mudou. Assistimos, desde 1917, com a vitória dos Sovietes, ao espetáculo de uma civilização que tem por princípio — não apenas por consequência — a negação formal de Deus, o ódio a Jesus e a todas as modalidades religiosas, donde se colhe que não é apenas o Catolicismo a se encontrar na brecha, mas o Protestantismo, o Judaísmo, o Maometismo.

O século de Erasmo não conheceu o desprestí-

gio das humanidades. Psicologicamente, era ainda a época em que um Petrarca ou um Boccaccio coravam diante dos sonetos de Monna Laura, ou perante os contos do Decamerone, — tão atentos vinham à glória e à imortalidade do latim; psicologicamente, é ainda o tempo em que Coluccio Salutati não sabia como iniciar uma carta, tão cheio de emoção se encontrava, ao saber que Pasquino de Capellis descobrira uma coleção de epístolas tulianas; psicologicamente, é a época em que Poggio Bracciolini desertava o Consílio de Basileia para varar a Suíça e chegar ao mosteiro de São Gall, onde, em três dias de febre, transcrevia na íntegra a “Instituição” de Quintiliano. Pelo escrúpulo das suas edições latinas, que o tornavam vencedor de Lefèvre d’Étaples, pelo amor com que se deu ao grego, numa época em que reboavam ainda os nomes de Crisoloras e Trapezuntios, mereceu Erasmo nestes quatro séculos passados os encômios mais decididos por parte dos eruditos, entre os quais ultimamente se colocavam nada menos que Charles Reade e Wilamowitz-Mællendorff. Mas veio depois Rabelais, união monstruosa do Renascimento e do Humanismo, prosa grossa e pantonosa, entre humanística e trovadoresca... Veio o romantismo, bastardo de Rousseau, fruto amargo de uma filosofia individualista enxertada no panteísmo, revolta da sensibilidade e do coração contra a inteligência e a vontade, — o romantismo, que foi, na história das letras, o que a “Crítica da Razão Pura” na história da filosofia, e a “Declaração dos Direitos do Homem” na história universal. Apareceu ainda o naturalismo, o simbolismo, o impulsionismo, o intimismo, o primitivismo, o futurismo, o dadaísmo... numa palavra, o confucionismo, a ruptura mais ou menos violenta com o passado, a destruição mais ou menos confessa da ordem, do equilíbrio, da eurytmia, de que os greco-latinos foram os mais legítimos defensores na história. Hoje, a situação continua mais grave, confirmando, ao parecer dos pessimistas à Spengler, a decadência literária do Ocidente, quando mais não seja, a profecia Jaurès ao declamar, na Câmara, «que a morte das humanidades significava a morte da burguesia».

O século de Erasmo não conheceu a guerra como nós a conhecemos. Havia a contenda entre cidades, onde, por um canicho que transpusesse tal ponte, os homens da mesma terra se entreeliminavam. Havia a luta de religião, onde, entrincheirados num texto evangélico, reformados e romanistas se entrematavam. Havia as guerras de civilização, onde, por causa de certos desrespeitos, orientais e ocidentais se entredevoravam. Mas o conflito nunca atingia os excessos presentes, por que o mesmo Deus refreava os contendores. Erasmo podia ser ouvido ao exclamar: «Outrora, o Reno separava o francês e o teuto, mas o Reno não pode separar um cristão de outro cristão.» Podia ser escutado, quando interpelava: «Como podereis vós rezar o padre-nosso, se o vosso irmão se encontra no acampamento inimigo?» Podia ser atendido, quando lembrava que Jesús se despedira dos homens, dizendo: «Deixo-vos a paz», e não: «Deixo-vos a guerra». Mas, hoje, como seria possível recorrer aos mesmos argumentos, se parte do mundo não acredita mais nos Evangelhos, — di-lo-ei? se parte do mundo não acredita mais em Deus e prega, como se fora inspirada, as Sagradas Escrituras do Ódio, a Bíblia da Guerra, o Apocalipse da Destruição Universal?

\* \* \*

Por tudo isto Erasmo é eterno, não da eternidade do corpo, que, há quatro séculos, desapareceu numa cova da Basiléia, mas da eternidade do espírito, que continua alerta como no tempo de Leão X.

Contemporâneos e pósteros, acampados dentro em filosofias antagônicas, julgaram-no por vezes com rigor. Erasmo pareceu-se ao monge Telêmaco (de um dos livros erasmianos), a esse monge que morreu esquartejado pela turba de Roma, por que tencionava impedir o combate aos gladiadores. Reinaldus o chamou de “ateu”, Lutero de “traidor”, Teodoro Beza de “ariano”. “De pior dos mortais” o malsinou Farel; de “glória e vergonha do sacerdócio” o averbou Pope; e, modernamente, ainda W. Koelher o acoimava de “João Batista e Iscariotes numa só

pessoa". Foi um "Voltaire moderado", anotou Sainte-Beuve à margem das suas cavaqueiras; "não teve jamais o sentimento religioso", apostilou o historiador Boehmer, ao terminar a leitura do "Livre Arbitrio"; "um grande erudito, mas uma cabeça estreita", observou T. M. Lindsay, um dos melhores conhecedores da Renascença, frase que concorda perfeitamente com o juízo do católico Von Pastor: «Erasmus foi um grande talento, mas um péssimo caráter.»

De minha geração vos direi: ela compreende melhor o drama erasmiano, por que se acha em conjunturas mais críticas do que as em que se encontrava o humanista da Renascença. Ela sofreu mais do que outras o descrédito das humanidades, a barbárie artístico-literária, a confusão atormentada dos cérebros e dos corações. Padeceu mais do que as pretéritas a aspereza, o ódio, a guerra, o extermínio, a catástrofe. Nossa geração pacientou melhor do que as gerações passadas esse ateísmo tomado por princípio de que fala Maritain, essa era luciférica de que descreteia Guenther Gruendel, essa pavorosa satanocracia a que tantas vezes se refere Berdiaeff; nossa geração verificou até onde a levaria o super-humanismo de Nietzsche, o materialismo de Marx, o animalismo de Rousseau, de Darwin e de Freud; nossa geração experimentou até onde a compelira o horror do Evangelho, a aversão ao Cristo, e a revolta contra Deus. Por isso, a nossa geração pode entender melhor o espírito atual, contemporâneo (eu acabo de dizer: eterno) de Erasmo de Roterdão.

---

---